

O ENSINO DE QUÍMICA PARA DEFICIENTES VISUAIS: CONCEPÇÕES DOS FORMADORES DE PROFESSORES ACERCA DA INCLUSÃO

Lana L. V. Xavier (IC)¹, Pedro H. C. da Silva (IC)¹, Juliana R. Félix (IC)¹,
Claudio R. M. Benite (PQ)^{1,2*} e Anna M. C. Benite (PQ)² claudio.benite@ueg.br

1- Unidade Universitária de Ciências Exatas e Tecnológicas – UnUCET, UEG,

2- Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão – LPEQI, IQ, UFG.

Palavras-Chave: Deficientes visuais, ensino de química, formadores de professores.

Introdução

Nas aulas de química são apresentadas imagens para ilustrar, exemplificar, reforçar informações e, por isso, têm grande dimensão simbólica. Se, por exemplo, apresentam tabelas, utilizadas pela comunidade química, é para expressar informações sistematizadas por esta comunidade.¹

Desta forma, compreendemos que os Deficientes Visuais (DV's) tenham dificuldades com a sistemática do ensino de Química, visto que o mesmo se fundamenta, em boa parte, em referenciais funcionais visuais. A visão, dentre os outros sentidos, parece-nos ser pré-requisito para realização de qualquer atividade em sala de aula de química.² A utilização de quadro e giz, lousa digital, provas escritas e medições são práticas que endereçam ao aluno DV o fracasso escolar e a não socialização.³

Assumido que significativa parte dos cursos de licenciatura em Química no Brasil ainda se encontra pautados no modelo tradicional de ensino, esta investigação consiste em apresentar concepções de formadores de professores de química acerca da inclusão de DV's em suas aulas visando a compreensão dessas como pressuposto para a formação de novos professores.

Foram feitas entrevistas semi-estruturadas com 28 professores de um curso de licenciatura em química, gravadas em áudio e vídeo para posterior transcrição e análise.

Resultados e Discussão

Por questão de espaço, serão apresentadas a seguir algumas respostas dos entrevistados apenas à pergunta: **Como você ensinaria química numa sala de aula contendo um aluno cego?**

PF2: Desde que ele se comporte... você pode passar o material em Braille, pois ele tem uma grande percepção, ouvindo a aula e depois estudando em braille ele pode ter um bom desempenho.

PF3: Eu tentaria usar a minha criatividade enquanto professor para transmitir o conhecimento que o aluno não está percebendo por ser deficiente visual. Ele não consegue visualizar uma molécula no espaço, uma molécula no plano...

PF4: Não fomos preparados para isso. Acho que eu acabaria dando mais atenção para esse aluno do que para os demais. Você vai sentir que eles têm certo problema, uma deficiência, falta alguma coisa...

Defendemos que a aprendizagem da química não é apenas visual. Os DV's reagem com todos os sentidos aos estímulos que recebem do meio, porém é só por meio do tato que adquirem conhecimento real dos objetos que os rodeiam (forma, tamanho, dureza, etc.) e a maior fonte de informação descritiva é a audição (presença, localização ou condição dos objetos).⁴

Se o exercício natural da docência corresponde ao atendimento heterogêneo de uma sala de aula sem privilegiar ou diferenciar o ensino a cada um, então, atuar na diversidade significa abandonar o ensino transmissivo e adotar uma dinâmica dialógica, interativa, integradora, que se contrapõe a toda e qualquer visão unidirecional, de transferência unitária, individualizada e hierárquica do saber.³

Assim, os cursos de formação docente em Química devem incitar seus futuros professores ao movimento crítico-reflexivo sobre os conhecimentos atuais dos alunos e suas diferentes necessidades no processo de aprendizagem, para que possam criar atividades, preparar aulas experimentais e/ou adaptar materiais didáticos para o ensino e elaborar critérios avaliativos que permitam a coleta de informações que sirvam de base para o planejamento de novas ações e o aprimoramento do atendimento à diversidade.

Conclusões

Apesar de muitos formadores possuírem pouca familiaridade com o assunto e muito menos formação para tal, cabe ressaltar que os domínios que o permitem almejar novos conhecimentos teóricos e práticos podem contribuir para a formação de um novo perfil profissional, seja por meio do desenvolvimento de trabalhos em parceria com outros formadores atuantes na área em questão ou pelo menos veiculando informações sobre a importância do assunto durante suas aulas.

Agradecimentos

À FAPEG e ao CNPq.

¹ PIRES, R.F.M. et al. Adaptação de um livro didático de Química para alunos com deficiência visual. In: VI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis: 2007.

² PEREIRA, L.L.S. et al. Aula de química e surdez: sobre interações pedagógicas mediadas pela visão. QNEsc, v.33, n.1, 2011.

³ MANTOAN, M.T.E. Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

⁴ LOWENFELD, B. Our blind children: growing and learning with them. Illinois: Springfield, 1971.